

## ENTRE A PERDA E O SILÊNCIO: O LUTO EM UMA LEITURA PSICANALÍTICA E OS IMPACTOS CAUSADOS PELA PANDEMIA COVID-19

Claudia Delgado<sup>1</sup>  
Diego da Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho tem como escopo analisar o luto sob a perspectiva psicanalítica no contexto da pandemia de COVID-19 e seus desdobramentos no período pós-pandêmico. O estudo enfatiza a compreensão dos processos subjetivos envolvidos na experiência da perda, com base nas formulações de Sigmund Freud (1905, 1917) e Melanie Klein (1935, 1946), em diálogo com autores contemporâneos. Essas bases conceituais permitem compreender o luto como um trabalho psíquico essencial à reorganização do sujeito diante da perda. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter teórico-bibliográfico, baseada em artigos, teses, dissertações e livros disponíveis em plataformas como Google Acadêmico, Pepsic e Scielo, além de fontes oficiais. A relevância do tema está nas condições impostas pela pandemia, como isolamento social, restrição de rituais funerários e múltiplas perdas em curto período, que fragilizaram os processos simbólicos e sociais de elaboração do luto. O estudo, assim, propõe refletir sobre as especificidades do luto na contemporaneidade e seus impactos na constituição subjetiva, destacando a psicanálise como ferramenta fundamental nesse processo.

**Palavras-chave:** Luto. Psicanálise. Covid-19. Pandemia.

1

### 1 - INTRODUÇÃO

O luto, enquanto experiência humana universal, adquire contornos singulares na contemporaneidade, sendo atravessado por transformações sociais, culturais e subjetivas. Em contextos marcados pela aceleração do tempo e pela exigência de produtividade constante, a vivência do luto tende a ser desautorizada ou abreviada, dificultando seu trabalho psíquico (Schmidt et. al. 2022). A partir da perspectiva psicanalítica, Sigmund Freud (1917), concebe o luto como um processo de desligamento libidinal do objeto perdido, essencial para a reorganização do sujeito diante da perda, ainda que permeado por intenso sofrimento.

Essa perspectiva, se expande em Melanie Klein (1935) que trata o luto como uma mobilização do mundo interno do sujeito, revivendo ansiedades primárias conectadas ao temor

---

<sup>1</sup>Discente do curso de Psicologia da UniEnsino, Bacharel em História, pela Universidade Federal de Mato Grosso -UFMT, Bacharel em Direito, pela Universidade de Cuiabá-UNIC, Pós Graduada em Ciências Forenses e Perícias Criminais, pelo Instituto de Pós Graduação – IPOG, Pós Graduada em Tanatologia: impactos da morte e do Luto, pela Faculdade Metropolitana.

<sup>2</sup>Docente e Vice Coordenador do curso de Psicologia da UniEnsino. Psicólogo, Mestre em Medicina Interna e Ciências da Saúde pela UFPR.

de destruição o objeto amado, à culpa pelos impulsos agressivos, bem como à ameaça de perda dos objetos bons internalizados. Klein afirma que em uma perda real, o indivíduo experimenta, em fantasia, a sensação de que todo seu mundo interno foi destruído. Entra então o trabalho do luto, na reconstrução do mundo interno, por meio da *reintrojeção* do objeto bom.

Na atualidade, entretanto, esse processo se complexifica diante das novas formas de vínculo e de subjetivação. De modo complementar, Christian Dunker (2023), ao articular psicanálise e crítica social, encara o atravessamento do sofrimento por transformações nas formas de reconhecimento e pertencimento, o que impacta diretamente a experiência do luto e suas possibilidades de elaboração simbólica.

Em uma contribuição ampliativa, Judith Butler (2021), evidencia essa discussão de que o luto está profundamente ligado às normas sociais que definem quais vidas são passíveis de serem enlutadas. Ao problematizar a distribuição desigual do reconhecimento da perda, a autora demonstra que o luto também é um fenômeno político, atravessado por relações de poder e exclusão.

A escolha por concentrar a compreensão dos efeitos psíquicos do luto durante e pós pandemia Covid-19, se justifica pela relevância do tema, cuja abrangência se deu em nível global entre 2020 e 2021 (Organização Mundial de Saúde, 2020), bem como a necessidade de acompanhamento dos estudos que buscam compreender os reflexos desse período que ainda reverberam na população mundial e, conseqüentemente no Brasil, até a atualidade. Como reverberaram as perdas coletivas e como se deu o luto nessa realidade pandêmica e seus efeitos e reflexos nos enlutados que, muitas vezes não puderam se despedir de seus entes queridos.

Dessa forma, o presente trabalho contribui para ampliação do debate teórico, aliado às contribuições da psicanálise acerca dos efeitos psíquicos do luto vivenciado em condições como foi a pandemia Covid-19 e seus efeitos nos pós pandemia.

Diante disso, o presente artigo propõe examinar o luto sob a perspectiva psicanalítica, discutindo suas bases conceituais e suas implicações clínicas, especialmente no cenário pandêmico. Faz ainda, uma análise sobre os reflexos desse processo nos pós pandemia, uma vez que não houve elaboração do luto por conta das mais variadas restrições que ocasionaram em mudanças substanciais, tanto nas questões sanitárias, quanto nas questões de saúde mental, relacionadas com as práticas e rituais funerários.

## 2 – METODOLOGIA

Este trabalho adota uma abordagem qualitativa de natureza teórico-bibliográfica, baseada na análise de obras clássicas da psicanálise, especialmente de Freud (1915; 1917; 1920) e Klein (1932; 1937), bem como de autores contemporâneos, como Dunker (2023) e Butler (2021), que discutem conceitos como simbolização objetal, pulsão, e vínculos afetivos. A metodologia consistiu no levantamento e na seleção dessas obras a partir de critérios teóricos, históricos e metodológicos, visando conferir consistência à análise do luto e de seus desdobramentos. Como recorte temporal, foram analisados dados disponibilizados e documentos publicados no ano de 2020, bem como os desdobramentos psicológicos do enfrentamento da pandemia até o ano de 2025.

A pesquisa foi realizada a partir de materiais publicados em formato digital, incluindo artigos científicos, livros, teses e dissertações. Foram utilizadas fontes selecionadas em bases de dados e plataformas acadêmicas, como Google Acadêmico, Pepsic e SciELO, além de sites de órgãos oficiais. Adicionalmente, foram consultados sites governamentais que disponibilizaram dados e informações referentes às mortes ocorridas durante o período da pandemia de COVID-19, contribuindo para a contextualização do estudo.

## 3 - PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS SOBRE O LUTO

O luto configura-se como um fenômeno constitutivo do sujeito e intrínseco à experiência humana, estando presente no cotidiano humano desde as primeiras civilizações, atravessando as diferentes formações sociais. Ainda que seja um processo inevitável ao longo da vida, permanece cercado por tabus culturais, religiosos e sociais, que podem, muitas vezes dificultar sua elaboração simbólica. Trata-se de um processo inevitável à experiência humana, porem pouco compreendido. (Chaves, 2020)

Evidências arqueológicas indicam que, desde os primórdios da humanidade, as práticas funerárias intencionais já eram realizadas, em uma demonstração de que a morte sempre foi dotada de um significado coletivo. Esses rituais não apenas organizavam a experiência da perda, mas preservavam vínculos simbólicos e garantiam a coesão social, e passaram a dar sentido e simbologia a um sentimento. (Chaves, 2020)

Compreendido como um fenômeno multidimensional, o luto envolve dimensões afetivas, cognitivas, simbólicas e sociais. Sua análise exige considerar tanto os aspectos

intrap síquicos quanto os dispositivos culturais que sustentam a simbolização da perda. No campo da psicanálise, a partir das formulações de Sigmund Freud (1917), o luto passou a ser concebido como um trabalho psíquico complexo, responsável pela retirada progressiva da libido investida no objeto perdido e pela reorganização das estruturas subjetivas. Posteriormente, Melanie Klein (1942) ampliou essa compreensão ao relacionar o luto adulto à reativação da posição depressiva vivenciada na infância.

A pandemia de Covid-19 constituiu um marco histórico que intensificou e complexificou os processos de luto em escala global. As restrições sanitárias, o isolamento social e a impossibilidade de rituais de despedida tradicionais, produziram modalidades de luto marcadas pela descontinuidade simbólica e pelo aumento de experiências traumáticas. (Souza e Lukachaki, 2025). Tal contexto exige uma reflexão aprofundada acerca das formas contemporâneas de elaboração da perda.

### 3.1 - O TRABALHO DO LUTO NO CONTEXTO PANDÊMICO: DESAFIOS À ELABORAÇÃO PSÍQUICA

No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde elevou a classificação de infecção pelo vírus SARS-cov-2 para pandemia. Naquele momento, 118 mil pessoas já haviam sido infectadas em 114 países e o Brasil contava com 52 casos confirmados (Organização Mundial da Saúde, 2020). Todas essas mudanças se deram pelo fato da alta taxa de transmissão e letalidade que a COVID-19 revelou em pouco espaço de tempo.

A Covid-19 introduziu um elemento disruptivo nos processos tradicionais de elaboração do luto. A impossibilidade de rituais funerários tradicionais (Chaves, 2020), o isolamento social e a vivência de múltiplas perdas produziram condições que dificultaram o trabalho psíquico descrito por Freud e Klein.

A pandemia afetou e alterou vários aspectos da vida em sociedade. Profundas mudanças ocorreram desde então, não só no luto, mas no cotidiano das pessoas como: a expansão de atendimentos médicos remotos, a valorização das vacinas e saúde pública, o aumento de problemas relacionados à saúde mental. Observou-se uma expansão da modalidade de *home office*, além de mudanças nas relações de trabalho, bem como a popularização de reuniões virtuais. As aulas nas redes de ensino se estabeleceram de forma remota, trazendo com isso não só uma ampliação das plataformas digitais de aprendizagem, mas também escancarando as

desigualdades educacionais em decorrência da necessidade do acesso à internet. (Schmidt et al., 2022).

Nas relações sociais, ainda tivemos mudanças nos hábitos de convivência e contato físico, aumentando o isolamento social e solidão. Nessa seara também, observou-se uma maior discussão a respeito de liberdade individual em face da proteção coletiva. Nos comportamentos, também surgiram mudanças nos hábitos de higiene, como uso de álcool gel, máscaras e atenção a doenças respiratórias. (Souza e Lukachaki, 2025).

Em 2021, em publicação do Colégio Notarial do Brasil, as restrições e o isolamento social ocasionados pela pandemia, desencadearam um recorde no volume de separações oficializados em cartórios no ano de 2021. Os 77.112 divórcios consensuais registrados em 2021, configurou o maior número desde 2007 (Colégio Notarial do Brasil, 2022).

Os impactos desse advento foram tão profundos que em 2021, um estudo realizado pelo Conselho Nacional de Secretários de Saúde no Brasil, constatou um aumento no número de óbitos por causas naturais durante a pandemia. O estudo foi dirigido para uma contribuição cujo objetivo era estimar os impactos da COVID 19 nas mortes ocorridas por causas naturais no Brasil. O estudo concluiu que desde o primeiro óbito por COVID-19 registrado, que ocorreu em 16 de março de 2020 até 06 de junho daquele ano, ocorreram 332.997 mortes por causas naturais, ou seja, 22% a mais do que o esperado para o período, utilizando-se dados de anos anteriores. O país chegou a atingir 32% a mais de mortes por causa naturais na semana epidemiológica 17. (Conselho Nacional de Secretários de Saúde, 2021; Marinho et al., 2020).

As consequências da COVID-19 foram tão devastadoras que o Estado do Rio Grande do Sul, no início de 2021, chegou a registrar mais mortes que nascimentos, sendo 15.802 óbitos para 11.971 nascimentos (Catto, 2021).

Dados recentes corroboram esse cenário, como o aumento significativo de transtornos mentais apontado pela OMS e os índices elevados de sofrimento psíquico identificados em pesquisas internacionais.

Alguns números nos dão uma noção acerca dos efeitos que a pandemia trouxe em termos de saúde mental, *p.e.*, pelo aumento de 25% nos estados de ansiedade e depressão, conforme um resumo científico no início de 2022 divulgado pela Organização Mundial de Saúde- OMS (OPAS, 2022).

Em 2024, um relatório do *Global Mind Project*, que divulga dados anuais sobre bem estar, realizou um estudo em 71 países envolvendo 420 mil pessoas, e revelou que o Brasil, ao lado da

África do Sul e do Reino Unido, ocupou as últimas posições, com uma proporção de 34% dos entrevistados brasileiros com angústia. (Cupani, 2024). Esse advento, ainda teve outros agravamentos, gerados não só pelas múltiplas perdas, *i.e.*, mais de um ente querido da mesma família, sendo em muitos casos crianças e adolescentes, mas, também pelo fato de não ter sido possível uma elaboração do processo de luto, que era intenso naquele momento.

Algumas restrições sanitárias foram fatais para esse processo, como o caso dos sepultamentos sem velórios e despedidas adequadas e humanizadas. O que se viu foi uma sucessão de milhares casos em que o sujeito levava seu familiar para uma unidade de saúde na esperança de uma cura, porém com o agravamento e evolução da doença, acabavam presenciando um sepultamento coletivo em um cenário de dor, tristeza, desesperança, agravado pela ausência de um ritual de despedida que pudesse trazer o mínimo de alento dentro de uma despedida ritualística. (Ávila e Carvalho, 2025).

Diante dessa realidade, o olhar psicanalítico nos mostra que não apenas os aspectos psicológicos que são levados em conta nesse processo, mas todo um contexto cultural e um comportamento social definem alguns parâmetros para esse atravessamento. As normas sociais e os adventos coletivos também são fatores influenciadores do luto (Schmidt et al., 2022). Sem despedida, o teste de realidade pode ser fragilizado, sem rede de apoio, a reconstrução do mundo interno torna-se mais árdua. E esse significante da perda, que se deu em todas as áreas - sendo ele representado por diversos símbolos, e pelos infinitos elementos subjetivos que a pandemia escancarou, deixou evidentes falhas nesse redirecionamento libidinal do ego.

É fundamental a exploração de novos estudos com diferentes metodologias para observar a evolução do luto ao longo do tempo, considerando que esse fenômeno não se configura como um tema esgotado, uma vez que o próprio advento da pandemia abriu a possibilidade de mensurar o fenômeno em grandes amostras. (Morais et. al., 2024).

Em uma pesquisa realizada através de uma revisão da literatura em artigos produzidos entre 2021 a 2025, foi demonstrado que o contexto da pandemia transformou a experiência do luto, trazendo isolamento, solidão e sofrimento:

Através das pesquisas apresentadas, foi possível perceber como o impedimento dos ritos fúnebres tradicionais, o isolamento social, o manejo dos profissionais de saúde com seus pacientes, entre vários outros fatores, possuiu uma grande notabilidade nos relatos das pessoas que perderam um ente querido e impacto em suas vidas. Todos esses fatores podem ser classificados como fatores de risco para o desenvolvimento do TLP, atingindo o quarto objetivo deste trabalho. Mesmo as pesquisas não apresentando dados específicos de qual fator impactou mais para o desenvolvimento do TLP, é possível inferir que toda a experiência da Pandemia de Covid-19 foi traumática e marcante. Com

isso, é importante lembrar que existem seres humanos que estão em sofrimento e necessitam de um olhar especializado e de cuidado psicológico. (Araujo e Faria, 2025, p. 21).

O Transtorno do Luto Prolongado – TLP, um transtorno descrito no Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM- 5 – TR), que configura como tal, o sofrimento intenso provocado pelo luto por mais de doze meses em adultos, o que dificulta o processamento do luto, bem como a retomada do cotidiano daquele indivíduo (DSM-5 TR, p.289).

Sob essa perspectiva o luto pós-pandêmico apresenta maior possibilidade de uma cronificação, uma vez que a intensidade com que foi estabelecido, reverbera diretamente nas manifestações depressivas e sofrimentos traumáticos. A pandemia trouxe um conjunto de situações clínicas que, além de desafiadoras, ainda reverberam no enfrentamento do luto.

Em "*Sobre a Morte e o Morrer*", Elisabeth Kübler-Ross, descreve o luto não como um processo linear, mas como uma dinâmica composta por cinco fases que funcionam como mecanismos de defesa e adaptação diante da perda ou da terminalidade. A jornada inicia-se pela *negação*, uma proteção temporária onde o impacto da realidade é amortecido, evoluindo para a *raiva*, quando o sujeito projeta sua dor e injustiça no ambiente externo. Em seguida, ela cita a *barganha*, como uma tentativa desesperada de negociar com o destino ou com o divino por mais tempo ou pela reversão do fato, que, ao falhar, dá lugar à *depressão*, marcada por um silêncio preparatório e pelo reconhecimento da inevitabilidade da perda. Por fim, atinge-se a *aceitação*, um estado de relativa paz e prontidão, onde as emoções se estabilizam e o indivíduo consegue integrar a nova realidade à sua existência. (Kübler-Ross, 1996).

Nesse sentido, buscamos compreender como se dá esse processo quando essa dinâmica descrita por Kubler-Ross é ampliada para um fenômeno nas proporções da Covid-19.

De forma mais contemporânea, ao se abordar a ideia de heterogeneidade interna ao conceito de infinito, em contraste com uma visão linear e progressiva do luto, é possível encontrar a seguinte definição:

Nunca é como uma casa, que se começa pelos alicerces e se termina pelas portas e janelas. Ao contrário, na experiência corrente vemos os vários trabalhos envolvidos no luto se revezarem em temporalidades próprias: risos erráticos no começo e no fim, alternações de humor, afetos e estranhamento, descrença e despersonalização, irrealização do acontecimento, culpa e vergonha, choro e alívio, tudo isso se mistura em movimentos não lineares. Se não há progresso, nesse sentido, é possível descobrir que uma das alas na mansão ou um dos cômodos do barraco se fez notar pela ausência. As vezes nos dedicamos demais a um ângulo da perda ou ficamos excessivamente raivosos e indignados com o empregado. Ao final e ao cabo, o luto é uma complexa

operação de reparação da experiência, simbolização da perda e criação de um novo desejo. (Dunker, 2023, p.54).

Para Dunker, o luto pode ter dois destinos principais, o *luto finito*, ocorre quando o sujeito consegue elaborar a perda, onde a dor existe, porém com o tempo a perda ganha um lugar simbólico na história da pessoa. Sua vida psíquica segue adiante, ainda com a lembrança presente. Já no *luto infinito*, a perda não é simbolizada ou elaborada completamente, onde o sujeito fica preso à falta, como se algo não pudesse ser encerrado.

A dor pode reaparecer continuamente e, muitas vezes em diferentes formas como ressentimentos, repetição de conflitos, sensação permanente de injustiça ou até mesmo de algo que nunca se resolve. O autor ainda amplia esse conceito além do indivíduo, uma vez que as sociedades podem viver *lutos infinitos* quando há traumas coletivos não elaborados, injustiças históricas não reconhecidas ou perdas que não tiveram rituais ou reparação simbólica. (Dunker, 2023).

A conexão, portanto, entre as obras de Elisabeth Kübler-Ross e Christian Dunker reside na transição de uma visão fenomenológica e factual para uma abordagem psicanalítica e social do sofrimento. Enquanto Kübler-Ross, em "*Sobre a Morte e o Morrer*", estabelece os famosos cinco estágios (negação, raiva, barganha, depressão e aceitação) como um mapa para compreender a jornada individual diante da finitude, Dunker, em "*Lutos Finitos e Infinitos*",

---

8

expande essa perspectiva ao investigar como o luto é processado, ou impedido na contemporaneidade.

Para Dunker, o luto não é apenas um processo com "início, meio e fim", mas algo que pode se tornar "infinito" quando a sociedade retira do sujeito os recursos simbólicos e rituais para nomear sua perda. Assim, se Kübler-Ross nos ensinou a olhar para a aceitação como o desfecho do processo clínico, Dunker nos alerta que, sem o reconhecimento social e a partilha da dor, o luto corre o risco de se tornar uma melancolia estagnada, transformando a perda individual em uma questão ética e política.

Corroborando com esse arco reflexivo, a obra de Judith Butler, "*O Luto Entre a Clínica e a Política*" (2023), oferece a síntese necessária ao deslocar a perda do campo puramente individual para a esfera pública e coletiva. Ao dialogar com a estrutura psíquica de Kübler-Ross e a crítica social de Dunker, Butler argumenta que o luto não é apenas uma reação privada, mas um ato político que revela nossa interdependência fundamental. Para a autora, a questão central não é apenas como atravessamos as fases da dor, mas quais vidas são consideradas "enlutáveis" pelo

Estado e pela cultura. Assim, o luto deixa de ser um estágio a ser superado para se tornar um instrumento de resistência: ao reconhecer a vulnerabilidade do outro, o sujeito enlutado reivindica justiça e dignidade, transformando o sofrimento em uma base ética para a convivência democrática e para o reconhecimento de todas as formas de existência.

### 3.2 - PERSPECTIVA PSICANALÍTICA E A PERDA OBJETAL NO LUTO

O luto, pela ótica psicanalítica, constitui um processo de desinvestimento libidinal do objeto amado, ou seja, uma retirada de energia psíquica desse objeto agora perdido. Freud nos diz que luto é o afeto que surge quando alguém muito amado ou algo a qual temos grande apreço nos é tirado (Freud, 1917). Desse modo, compreende-se o luto como algo muito mais amplo que a perda de uma pessoa especificamente. O objeto de afeto, estende-se, portanto, simbolicamente, para tudo aquilo que pode ser perdido: um ente querido, um relacionamento, um trabalho, um animal de estimação, dentre outros diversos exemplos.

Essa experiência, no entanto, é importante e necessária para elaboração da falta do objeto perdido, consolidando-se como uma reorganização dos processos psíquicos frente à essa perda para que o sujeito possa continuar. Somente com a finalização do luto, quando o sujeito atravessa essa vivência, é que o ego estará livre para ocupar-se de outro objeto e, assim afirmar “meu objeto amado não se foi, porque agora trago-o dentro de mim e nunca mais poderei perdê-lo” (Oliveira, 2001, p. 96).

### 3.3 - O LUTO EM SIGMUND FREUD

A formulação clássica inicial sobre o luto na psicanálise encontra-se no texto *Luto e Melancolia* (1917), no qual Freud estabelece uma distinção fundamental entre o luto e a melancolia. Para o autor, o luto constitui uma reação psíquica à perda de um objeto investido libidinalmente — seja ele uma pessoa amada, uma abstração, um ideal, a pátria ou qualquer elemento que tenha ocupado lugar significativo na economia psíquica do sujeito. (Freud, 1917).

Para Freud, trata-se de um processo inerente à natureza humana e assim, ele afirma que “confiamos em que seja superado após certo lapso de tempo, e julgamos inútil ou mesmo prejudicial qualquer interferência em relação à ele” (Freud, 1917). Define ainda o luto como um processo natural e não patológico, embora profundamente doloroso. Diferentemente da melancolia, no luto o sujeito tem consciência do que foi perdido. A dor decorre da necessidade

de desligamento progressivo da libido investida no objeto, operação que exige tempo e mobiliza intensamente o aparelho psíquico.

Em *Reflexões para os Tempos de Guerra e Morte* (1915), Freud afirma que “no fundo, ninguém acredita em sua própria morte; no inconsciente, cada um de nós está convencido de sua imortalidade”. Essa formulação evidencia que, no nível inconsciente, a morte não é plenamente assimilada como possibilidade pessoal, o que contribui para que a perda de alguém próximo seja vivenciada com intensidade e estranhamento. Assim, o luto envolve não apenas a elaboração da ausência do objeto amado, mas também o confronto simbólico com a própria finitude humana, exigindo do sujeito um trabalho psíquico de elaboração e resignificação de seus vínculos afetivos.

Em outro momento, Freud aprofunda essa observação a respeito da experiência da perda, e coloca o sujeito em contato com a própria finitude que estrutura a vida humana. Assim, ao discutir a dinâmica das pulsões em *Além do Princípio do Prazer*, afirma que “o objetivo de toda vida é a morte” (Freud, 1920). Sugere, portanto, que a existência carrega em si uma tensão constante entre forças de conservação e de dissolução. Nesse sentido, o luto não estaria reduzido apenas ao sofrimento pela ausência do outro, mas também representa um embate psíquico do sujeito com a dimensão inevitável da mortalidade, exigindo um trabalho psíquico de reorganização de seus vínculos afetivos e de sua própria relação com a vida e a perda.

10

Nesse sentido ainda, Freud nos revela que o princípio de prazer consiste em uma forma primária de energia psíquica do funcionamento do “aparelho psíquico”, ligada a um objeto. No entanto, nas relações com o mundo externo, o princípio da realidade demanda regras a serem seguidas para a satisfação dessa energia. No luto, é o princípio da realidade que traz a constatação pelo ego de que o objeto já não existe mais, iniciando o redirecionamento da libido para um outro objeto. (Freud, 1920).

O autor denomina esse processo de *trabalho do luto* (*trauerarbeit*)<sup>3</sup>, que consiste em um movimento psíquico no qual cada lembrança, expectativa e vínculo relacionado ao objeto perdido é gradualmente evocado e submetido ao teste de realidade. Isso, por sua vez, impõe ao ego o reconhecimento da ausência definitiva. Tal constatação provoca resistência, pois implica renunciar ao investimento libidinal previamente estabelecido. (Freud, 1917).

---

<sup>3</sup> Freud utiliza explicitamente o termo “*Trauerarbeit*” (trabalho do luto) pela primeira vez de forma conceitualmente desenvolvida no ensaio “Luto e Melancolia” (*Trauer und Melancholie*), escrito em 1915 e publicado em 1917. Embora Freud já tratasse de ideias relacionadas ao luto em textos anteriores, é nesse ensaio que o termo aparece claramente em alemão e ganha seu estatuto teórico central, descrevendo o processo psíquico pelo qual o sujeito se desliga libidinalmente de um objeto perdido.

Há uma ênfase que essa inibição não deve ser interpretada como patológica, mas como expressão de uma dedicação exclusiva ao trabalho psíquico de elaboração. O ego encontra-se absorvido pela tarefa de redistribuir sua energia libidinal.

Ao final, quando o teste de realidade prevalece e a libido é desligada do objeto perdido, o ego se vê novamente livre para investir em novos objetos e retomar sua vitalidade. Assim, no luto, “é o mundo que se torna pobre e vazio”; na melancolia, ao contrário, “é o próprio ego” que se perde. (Freud, 1917).

Quando Freud então reformula o modelo de “*aparelho psíquico*” em 1923, na obra “*O Eu e o Id*”, ele descreve que o luto não aparece como tema isolado, mas como um processo que envolve diretamente a dinâmica entre *id*, *ego* e *superego*. Nessa obra, Freud apresenta um luto entendido como um trabalho do ego, que precisa lidar com a perda de um objeto investido pelo *id*. Isso significa que o ego deve, gradualmente, retirar a libido ligada ao objeto perdido, enfrentando a resistência dessa ligação.

Ao mesmo tempo, Freud introduz a ideia de que essa perda não leva apenas ao desligamento, o ego pode transformar o vínculo com o objeto em identificação, incorporando aspectos dele. Assim, o objeto não desaparece completamente, mas passa a existir dentro do próprio sujeito. Esse mecanismo de identificação tem um papel decisivo na formação do superego. Muitas das exigências, ideais e críticas internas vêm justamente dessas figuras internalizadas, frequentemente ligadas a perdas significativas. Outro ponto importante é que o luto, nessa perspectiva, revela como o conflito psíquico e estrutural: o ego sofre pressões do *id*, que mantém o investimento no objeto; do superego, que pode impor culpa ou exigências, e da realidade, que impõe a perda.

Em síntese, no modelo estrutural, o luto deixa de ser apenas um desligamento e passa a ser também um processo de reorganização interna do sujeito, por meio de identificações.

Entre “*Luto e Melancolia*” (1917) e “*O Eu e o Id*” (1923), há uma mudança importante no modo como Freud concebe o destino do objeto perdido: no primeiro texto, o luto é entendido sobretudo como um trabalho de desligamento libidinal, no qual o sujeito precisa retirar, pouco a pouco, o investimento afetivo do objeto ausente para poder seguir adiante, enquanto a melancolia aparece como um fracasso desse processo. Já no segundo momento, com a introdução da teoria estrutural, Freud reformula essa dinâmica ao enfatizar que o ego não apenas abandona o objeto, mas também pode internalizá-lo por meio de identificações, fazendo da perda um elemento constitutivo da própria estrutura psíquica — especialmente na formação do

superego. Assim, a perda deixa de ser vista apenas como algo a ser superado e passa a ser compreendida também como algo que permanece no sujeito sob a forma de identificação.

### 3.4 - O LUTO NA PERSPECTIVA DE MELANIE KLEIN

Complementando as formulações freudianas em algumas observações, Melanie Klein amplia a compreensão do luto ao articulá-lo à sua teoria das relações objetais.

Para Klein, o luto adulto reativa a *posição depressiva*, vivenciada no segundo semestre do primeiro ano de vida, cujo ápice é atingido pouco antes, durante e depois do desmame. Também formula noções de *introjeção* e *projeção*, que estão diretamente relacionadas à influência sofrida pelo sujeito e a influência externada por ele nessa dinâmica. Para Klein, esse estado mental do bebê tem relação direta ao objeto que desperta o luto: o seio da mãe, e tudo que ele envolve em uma representação simbólica para o bebê. (Klein, 1935, p.308). Nessa fase do desenvolvimento, o bebê começa a perceber a mãe como objeto total — simultaneamente boa e frustradora — o que inaugura sentimentos de ambivalência, culpa e medo de perda.

O luto pode ser compreendido, na perspectiva psicanalítica *kleiniana*, como um processo que mobiliza experiências emocionais profundas relacionadas aos primeiros vínculos afetivos. Nesse sentido, Melanie Klein, ao investigar o desenvolvimento psíquico infantil em *A Psicanálise da Criança*, destaca que “a perda do objeto amado desperta na criança intensas ansiedades e fantasias inconscientes, relacionadas ao medo de ter destruído o objeto por seus próprios impulsos agressivos” (Klein, 1932). Essa formulação evidencia que as vivências de perda não se limitam à ausência concreta do outro, mas também ativam conteúdos inconscientes ligados à ambivalência afetiva e à culpa. Assim, o luto pode envolver sentimentos de tristeza, angústia e responsabilidade imaginária pela perda, exigindo do sujeito um trabalho psíquico de elaboração que permita a reorganização dos vínculos internos e a reconstrução do equilíbrio emocional diante da ausência do objeto amado.

Nessa perspectiva, o luto é compreendido como um processo complexo que mobiliza experiências emocionais profundas, e remete a vivências psíquicas primitivas. Melanie Klein, em *Luto e seus vínculos com os estados maníaco-depressivos* (1940), afirma que “no luto normal, o indivíduo revive, em certa medida, as ansiedades e sentimentos ligados à posição depressiva infantil”. Essa concepção indica que a perda de um objeto amado pode reativar conteúdos inconscientes associados às primeiras relações do sujeito com seus objetos internos, nas quais coexistem sentimentos de amor, culpa e agressividade. Dessa forma, o luto não se limita à

reação diante da ausência do outro, mas envolve um processo de elaboração psíquica no qual o indivíduo busca integrar essas emoções ambivalentes, reconstruindo internamente a relação com o objeto perdido e restabelecendo gradualmente seu equilíbrio emocional.

O luto, portanto, não se restringe à perda real de um objeto externo. Ele mobiliza o mundo interno do sujeito, reativando ansiedades primitivas relacionadas ao medo de destruir o objeto amado, à culpa pelos impulsos agressivos, e à ameaça de perda dos objetos bons internalizados. Quando ocorre uma perda real, o indivíduo experimenta, em fantasia, a sensação de que todo seu mundo interno foi destruído. O trabalho de luto consiste, então, na reconstrução do mundo interno, por meio da *reintrojeção* do objeto bom.

Nessa linha, é possível aprofundarmos na seguinte perspectiva:

Uma característica fundamental do luto abordada pela autora é a de que quando o indivíduo perde algo ou alguém importante, isso causa um sentimento inconsciente de já ter perdido algo bom interiormente, uma espécie de nostalgia ou reativação de uma ‘posição depressiva’. Portanto, o conjunto da perda exterior e da perda interior ocasiona uma angústia mais extensa do que se imaginava. É como se o indivíduo sentisse que está sendo perseguido por afetos que provocam sentimentos de ansiedade de um estado deprimido. (Bugari et. al., 2024, p. 26).

Klein enfatiza o desligamento libidinal e o processo de *reparação*. O sujeito precisa reintegrar simbolicamente o objeto perdido para reorganizar sua estrutura psíquica. Assim, o luto bem-sucedido implica basicamente no fortalecimento dos objetos bons internos, em uma maior tolerância às perdas futuras, bem como no amadurecimento emocional. Para Klein, o sucesso do luto depende da capacidade do sujeito de tolerar a ambivalência (amor e ódio coexistentes), de suportar sentimento de culpa, reestabelecer internamente o objeto amado e restaurar a confiança em seus objetos bons internos. (Klein, 1940). O luto, na ótica *kleiniana*, está intrinsecamente ligado às primeiras experiências do bebê, e superá-lo demandaria um esforço extremo para deixar a posição depressiva, e reintrojetar o objeto bom nesse espaço.

### 3.5 - O LUTO, DA CLÍNICA À DIMENSÃO POLÍTICA

A compreensão do luto na contemporaneidade exige um diálogo entre diferentes camadas de interpretação, iniciando-se pela perspectiva fenomenológica de Elisabeth Kübler-Ross, em sua obra *"Sobre a Morte e o Morrer"* (1996), a autora estabelece os cinco estágios — negação, raiva, barganha, depressão e aceitação — como um mapa para compreender a jornada individual diante da finitude. Para Kübler-Ross, o luto é um processo dinâmico de adaptação, onde esses mecanismos de defesa permitem que o sujeito integre a perda à sua existência, buscando um estado final de relativa paz.

No entanto, essa visão foca primordialmente no processamento psíquico interno, servindo como base para o que Christian Dunker expanda em "*Lutos Finitos e Infinitos*".

Dunker avança nessa discussão ao investigar como o luto é processado — ou impedido — pelas estruturas sociais. Ele propõe uma distinção fundamental: o luto "finito" é aquele que encontra recursos simbólicos para ser nomeado, enquanto o "infinito" surge quando a sociedade retira do sujeito os rituais e o espaço de fala necessários para a elaboração da dor. Dessa forma, se Kübler-Ross nos ensinou a olhar para a aceitação como um desfecho clínico, Dunker nos alerta que, sem o reconhecimento social e a partilha, o luto corre o risco de se tornar uma melancolia estagnada, transformando a perda individual em uma questão de responsabilidade coletiva.

Essa necessidade de reconhecimento ganha contornos definitivos na obra de Judith Butler, "*O Luto Entre a Clínica e a Política*" (2021). Ao deslocar a perda do campo puramente privado, Butler argumenta que o luto é um ato político que revela nossa interdependência fundamental. Para a autora, a questão central reside em quais vidas são consideradas "enlutáveis" e dignas de choro público. Assim, o luto deixa de ser apenas um estágio a ser superado para se tornar um instrumento de resistência: ao reconhecer a vulnerabilidade comum, o sujeito reivindica justiça, transformando o sofrimento em uma base ética essencial para a convivência democrática e para a humanização de todas as formas de existência.

#### 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O luto não diz respeito apenas àquele que partiu, mas principalmente a quem permanece e à forma como esse sujeito estruturou, em sua própria psique, o lugar do objeto amado — como esse vínculo foi internalizado e simbolizado. Não se trata apenas da perda em si, mas do peso do afeto investido, da marca psíquica deixada pela relação. É o encontro com o vazio deixado pelo objeto de amor. Nesse sentido, o luto implica a reconstrução de si: um novo eu que precisa aprender a coexistir com a ausência.

A energia libidinal antes direcionada ao ser amado precisa, inevitavelmente, ser reorganizada, mas esse não é um processo guiado pela vontade ou pelo amor, e sim pela necessidade — frequentemente atravessado por dor. Trata-se de um confronto constante com o real. Cada indivíduo vivencia o luto de maneira singular, pois ele está enraizado na trama das relações e no universo simbólico que cada um constrói sobre quem se foi.

Os rituais de despedida e as circunstâncias da perda influenciam diretamente essa elaboração, assim como o lugar que a pessoa ocupava na vida de quem fica e as culpas — muitas vezes imaginárias — que emergem nesse processo. Todos esses elementos compõem a complexa engrenagem psíquica do luto.

Sob o viés dessa compreensão, o presente estudo, ao analisar o luto sob a perspectiva psicanalítica, buscou compreender seus fundamentos conceituais, desdobramentos clínicos e implicações na constituição subjetiva, especialmente no contexto coletivo durante e após a pandemia de Covid-19.

Nesse percurso, evidenciou-se a presença de lutos não elaborados em um contingente significativo de sujeitos, marcados por dificuldades de simbolização e de inscrição psíquica da perda.

Partindo das formulações freudianas, o luto é inicialmente concebido como um trabalho de desligamento libidinal, no qual o sujeito retira, de modo gradual, o investimento afetivo do objeto perdido. Posteriormente, com a introdução da teoria estrutural, Freud amplia essa compreensão ao destacar que a perda implica também processos de identificação, tornando-se elemento constitutivo da própria estrutura psíquica. Desse modo, o objeto perdido não é apenas abandonado, mas igualmente internalizado.

Em Melanie Klein, o luto envolve não apenas o desligamento libidinal, mas também um processo de reparação psíquica. Sua elaboração depende da capacidade de reintegrar simbolicamente o objeto perdido, fortalecendo os objetos internos bons, tolerando a ambivalência e elaborando sentimentos de culpa. Assim, o luto encontra-se profundamente articulado às experiências primárias e ao manejo da posição depressiva.

Na perspectiva contemporânea, autores como Kübler-Ross enfatizam o luto como um processo dinâmico de adaptação, no qual diferentes estados emocionais — como negação, raiva, barganha, depressão e aceitação — contribuem para a integração da perda à vida do sujeito. Christian Dunker, por sua vez, amplia essa discussão ao considerar as condições sociais que possibilitam ou dificultam a elaboração do luto, distinguindo entre lutos “finitos”, sustentados por recursos simbólicos, e “infinitos”, marcados pela ausência desses suportes.

Judith Butler desloca o debate para o campo político ao problematizar quais vidas são socialmente reconhecidas como dignas de luto. Nessa perspectiva, o luto adquire também um caráter ético e político, tornando-se forma de resistência e de reivindicação de reconhecimento, ao mesmo tempo em que evidencia a interdependência entre os sujeitos.

A articulação entre esses autores permite compreender que o luto, embora seja um processo psíquico fundamental, não se realiza de modo automático, dependendo de uma série de condições para sua elaboração. Entre elas, destacam-se os recursos internos do sujeito — como sua capacidade de simbolização, de tolerar a falta e de ressignificar o vínculo perdido —, bem como a solidez de sua estrutura psíquica. Soma-se a isso a importância das condições socioculturais, como a existência de redes de apoio, o reconhecimento social da perda, os rituais de despedida e os dispositivos coletivos que oferecem sentido à experiência da morte.

Também influenciam esse processo a forma como a perda ocorre (se súbita, violenta ou esperada), a qualidade do vínculo estabelecido com quem partiu, a presença de ambivalências afetivas, possíveis sentimentos de culpa e a possibilidade de falar sobre a perda em um espaço de escuta. A temporalidade psíquica, que não segue necessariamente o tempo cronológico, e o contexto histórico e social mais amplo também atravessam essa experiência.

Quando essas condições se mostram fragilizadas ou insuficientes, o luto pode não encontrar vias de elaboração, permanecendo em aberto e dando lugar a formas persistentes de sofrimento, que não apenas impactam o indivíduo, mas também reverberam no campo coletivo.

Nesse contexto, a pandemia de Covid-19 evidenciou a fragilidade dos dispositivos simbólicos e sociais tradicionalmente associados ao luto. A impossibilidade de rituais de despedida, o isolamento social e a vivência simultânea de múltiplas perdas dificultaram a elaboração psíquica, favorecendo a intensificação de estados depressivos, ansiosos e melancólicos.

A experiência pandêmica pode, assim, ser compreendida como um trauma coletivo que, em muitos casos, produziu lutos interrompidos ou incompletos, aproximando-se da noção de “luto infinito” proposta por Dunker. Trata-se de situações em que a perda não encontra meios simbólicos suficientes para sua elaboração, permanecendo em um circuito de repetição e de indeterminação. Conforme o autor, há dois modos de luto infinito: aqueles que se tornam intermináveis por não se concluírem, oscilando entre simbolização, perda e reconstrução de identificações; e aqueles que expressam o caráter indeterminado das experiências de luto que sustentam o vínculo entre comunidades vivas, passadas e futuras (Dunker, 2023, p. 217).

Diante disso, reforça-se que o luto constitui uma experiência estruturante da condição humana, atravessada por dimensões intrapsíquicas, sociais e políticas. A psicanálise, ao reconhecê-lo como trabalho psíquico e possibilidade de reorganização subjetiva, oferece

contribuições relevantes para sua compreensão, evitando tanto sua patologização quanto a negligência de seus possíveis desdobramentos clínicos.

Além disso, torna-se fundamental considerar o papel das instituições — como a saúde pública, a educação e os dispositivos comunitários — na oferta de espaços de escuta e simbolização das perdas. A reconstrução de redes de apoio e a valorização de práticas coletivas de elaboração podem funcionar como mediadores importantes na transformação do sofrimento em experiência compartilhada, favorecendo processos de ressignificação.

Outro aspecto relevante refere-se à necessidade de ampliar o debate sobre o luto em contextos de desigualdade social. A pandemia não afetou os sujeitos de maneira homogênea, evidenciando que determinadas populações estiveram mais expostas à morte, à precarização e à ausência de reconhecimento. Nesse sentido, pensar o luto implica também considerar as assimetrias que atravessam as possibilidades de elaboração psíquica e de inscrição social da perda.

Por fim, destaca-se a importância de investigações futuras que articulem a clínica psicanalítica às dimensões sociais e políticas do luto, especialmente em cenários marcados por crises coletivas. Estudos longitudinais e interdisciplinares poderão contribuir para uma compreensão mais ampla das formas contemporâneas de sofrimento, bem como para o desenvolvimento de práticas clínicas mais sensíveis às especificidades das perdas e às condições concretas de existência dos sujeitos.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN Psychiatric Association. DSM-5-TR: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - Texto Revisado. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2023.

ARAUJO, Debora de Paula, FARIA, Margareth Regina Gomes Veríssimo. O impacto da Pandemia de Covid-19 no Desenvolvimento do Transtorno do Luto Prolongado (TLP): uma Revisão Sistemática da Literatura. Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC, Escola de Ciências Sociais e da Saúde. 2025. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/9880> Acesso em: 03/04/26

ÁVILA, V. C., & CARVALHO, L. de S. (2025). Envelhecer e morrer: Contribuições psicanalíticas e reflexões em um mundo pós-pandemia. *Psicologia E Saúde Em Debate*. Revista RPSD, Cabo Frio, v. II n 1, 2025, p. 1277. Disponível em: <https://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/1252>. Acesso em: 05/04/2026.

BUGARI, H. R, SILVA, J.A.B, LOPES, W. A. O processo de luto e suas formas na atualidade: um viés psicanalítico. Revista FIMCA, Jarú, v. 11, n. 2, p. 26, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.37157/fimca.v11i2.1081> . Acesso em: 12/03/26

BRASIL, Câmara Legislativa: Aprovação do projeto que amplia o acesso á saúde mental. <https://www.camara.leg.br/noticias/1215299-comissao-aprovaprojeto-que-amplia-acesso-a-saude-mental/>. Acesso em: 12/ 03/ 2026.

BRASIL, Serviço e informação do Brasil (Gov.br) Organização Mundial da Saúde - OMS classifica coronavírus como pandemia. Brasília: Governo do Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/03/oms-classifica-coronavirus-como-pandemia>. Acesso em: 21 fev. 2026.

BRASIL, Colégio Notarial do Brasil, 06/01/22, <https://www.notariado.org.br/06-01-2022-r7-divorcios-batem-recorde-no-brasil-e-superam-77-mil-em-um-ano/> Acesso em: 22/02/2026.

BUTLER, Judith. O luto entre clínica e política. São Paulo: Autêntica, 2023.

CATTO, André. Pela 1<sup>o</sup> vez na história, Estado brasileiro registra mais mortes que nascimentos. CNN, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/%20%20nacional/pela-1-vez-na-historia-estado-brasileiro-registra-mais-mortes-que-nascimentos/>. Acesso em: 12/02/2026.

CHAVES, Wander Marcel Barros. Urnas funerárias: os marajoaras e suas representações visuais. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília -UNB, 2020. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/40268> Acesso em 12/03/2026.

CUPANI, Gabriela. Saúde mental dos brasileiros pós-pandemia é uma das piores do mundo. CNN, São Paulo 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/saude-mental-dos-brasileiros-pos-pandemia-e-uma-das-piores-do-mundo/> Acesso em: 12/02/2026.

DE NAZARÉ, Laylla Ohana do Karmo Arlindo; SEABRA, Leonni Sergio Pinto; NEGRÃO, Stéphane Nayane Fragra. Colisões entre pandemia e luto: Interloquções à luz da psicanálise. LUMEN ET VIRTUS, [S. l.], v. 15, n. 39, p. 3407-3427, 2024. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/LEV/article/view/362>. Acesso em: 03/03/ 2026.

DUNKER, C., 2023, Lutos finitos e infinitos. São Paulo, Paidós, ed. 2023

FREUD, Sigmund. Além do Princípio de Prazer (1920); tradução do alemão de Renato Zwick; revisão técnica e prefácio de Tales Ab'Sáber; ensaio bibliográfico de Paulo Endo, Edson Sousa – Porto Alegre.RS: L&PM, 2024.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. Rio de Janeiro. Ed. Civilização brasileira, 10<sup>o</sup> ed. 2023.

FREUD, Sigmund . Tempos de guerra e de morte. Ed. Nova Fronteira, tradução de Petê Rissatti – Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2021.

MORAIS, Jaiana Cristina Cândido; LOPES, Karina Santos Teixeira; ARRUDA, Gabriel Huet Borges de; SILVA, Paulo Gregório Nascimento da; MELO, Cynthia de Freitas. E Aquele

Adeus Não Pude Dar: Experiências de Luto dos Brasileiros na Covid-19 . Revista Psicologia e Saúde, Campo Grande, v. 16, n. 2, p. e16332528, 2025. Disponível em: <https://www.pssa.ucdb.br/pssa/article/view/2528> . Acesso em: 17 mar. 2026.DOI:

OLIVEIRA, T. M. O Psicanalista Diante da Morte: Intervenção psicoterapêutica na preparação para a morte e elaboração do luto. São Paulo: Mackenzie, 2001. P. 209

SOUZA, N.G de, LUKACHAKI, K R dos S. O processo de luto no contexto da pandemia de Covid-19: vivencias de familiares enlutados. Revista da SBPH, Maringá, v. 28.592, 2025. Disponível em: <https://revistasbph.emnuvens.com.br/revista/article/view/592> . Acesso em: 02/03/2026

KLEIN, Melanie. Psicanálise da criança. São Paulo: ed. Mestre Jou.1969.

KLEIN, Melanie. Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945). Tradução: André Cardoso; Revisão técnica: Jayme Salomão; Coordenador editorial: Elias M. Rocha Barros. Rio de Janeiro. Imago, 1996.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. Sobre a morte e o morrer. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

OPAS - Organização Panamericana de Saúde. Pandemia de COVID\_19 desencadeia aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo 2022.: <https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento-25-na-prevalencia-ansiedade-e-depressao-em> Acesso em 26/02/2026

SCHMIDT, Beatriz, SILVA, Isabela Machado da, SEHN, Amanda Schoffel, AIRES, Mariana da Cunha, PAIVA, Alice Monte Negro de. Perda, Luto e Resiliência na Pandemia de COVID-19: Implicações para a Prática com famílias. Universidade de Brasília 2022. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v26n1/v26n1ao2.pdf>. Acessado em: 13/03/26.

SOUZA, Nicole Guerra, LUKACHAKI, Karolina Reis dos Santos: O processo de luto no contexto da pandemia de covid-19: vivencias de familiares enlutados. V. 28 (2025) p. 5. Disponível em: <https://revistasbph.emnuvens.com.br/revista/article/view/592>. Acesso em: 15/03/2026.